

# VOZES AO ALTO

3.01  
2023

BOLETIM DO SUB-SECTOR DAS ARTES DO ESPECTÁCULO DO SECTOR INTELECTUAL  
DA ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



e-mail: s.intelectual@dorl.pcp.pt • sítio internet: www.lisboa.pcp.pt

Com o ano de 2023, a luta pela cultura e por direitos e melhores condições de vida para quem nela trabalha continua. O PCP estará nessa batalha, com os trabalhadores da cultura. Sabemos que será difícil mas a exigência de direitos básicos – como o direito a ter trabalho e que esse trabalho tenha um contrato, um salário digno, um horário – é justa e necessária. Neste **Vozes ao Alto** abordamos dois aspectos centrais: concursos para o apoio às artes e a precariedade das relações de trabalho, exemplos gritantes da realidade da cultura no nosso país. É contra este estado de coisas que intervimos, afirmando que um outro caminho é possível.

## APOIO ÀS ARTES – a luta continua!

Perante mais um resultado dos concursos dos apoios sustentados às artes a realidade vem demonstrar que o PCP tem razão quando diz que uma outra política para a cultura é necessária. O modelo de apoio às artes em que os sucessivos governos suportam a sua política de direita, baseado na precariedade, na concorrência entre criadores, na mercantilização e no trabalho sem direitos está esgotado. É fonte de instabilidade, de incerteza e impede a prossecução de projectos culturais de forma estável, mesmo para as estruturas que são apoiadas.

Com 115 estruturas elegíveis fora dos apoios públicos às artes, 98 delas relativas aos concursos bienais, a destruição do que existe, do que não chega a existir, o abandono e a desertificação cultural do interior e a perda de diversidade artística são consequências previsíveis de mais um Orçamento de desinvestimento na cultura do governo PS. Por mais exercícios de propaganda que o Governo faça sobre o Orçamento do Estado, a verdade é que a maioria dos trabalhadores continua sem saber com o que contar e muitas estruturas anunciam o fecho de portas.

Este é o tempo de dizer basta e de fazer o Governo ouvir a voz dos trabalhadores da cultura: esta política não serve e este não é o modelo de apoio às artes que precisamos.

### O PCP defende:

- o reforço do financiamento às artes e do Orçamento de Estado para a cultura no valor de 1% do Orçamento, com vista ao seu crescimento para 1% do PIB.
- o fim da municipalização da cultura, elemento de desresponsabilização do Estado, de agravamento de assimetrias entre populações e de condenação de muitas delas ao total vazio de oferta cultural pública.
- a criação de novas linhas de apoio às artes – para aquisição de material, para a produção de obras, para resolver a falta de espaços de trabalho e apresentação, para apoio à investigação, programação e digressão.
- a alteração aos procedimentos dos concursos e a uma lógica meramente concursal, competitiva e burocrática, que não valoriza as estruturas e o seu trabalho, adoptando um financiamento dos programas plurianuais e pontuais de apoio às artes por via de concursos, de contratos-programa ou de outras modalidades que assegurem a estabilidade e uma presença em todo o território.
- a estabilidade e a valorização do trabalho e dos salários nas artes e na cultura.

O descalabro que se abateu sobre as estruturas que concorreram aos apoios bienais – onde apenas 33,7% receberam apoio –, além de impedir o crescimento de estruturas que ainda não têm dimensão para concorrer aos apoios sustentados vem demonstrar que é justa e urgente a exigência de que todas as estruturas elegíveis devem receber o apoio a que têm direito. Mas a resposta do governo PS é a de todos os governos da política de direita: não há dinheiro!

Não há dinheiro, quando bastariam 18 milhões de euros para que todas as estruturas elegíveis recebessem o apoio a que segundo a lei têm direito. Quantia irrisória quando centenas de milhares de milhões de euros de lucros da banca, da grande distribuição, dos grandes grupos económicos e das energéticas são repartidos em dividendos pelos seus conselhos de administração sem que sobre os quais o governo PS queira taxar esses lucros excessivos em plena crise inflacionária. Ou quando são permitidos os maiores aumentos dos últimos 20 anos às concessionárias das portagens, subsidiadas pelo Estado, ainda por cima, com 140 milhões, por decisão do Governo.

Ao mesmo tempo, as estruturas agora apoiadas estão já a rever os seus orçamentos porque, com a inflação, o aumento do custo de vida, dos materiais, da energia, etc, certamente serão insuficientes.

Mais uma vez é o próprio modelo de apoio que está em causa, quando o apoio à cultura é dado não às estruturas e ao seu percurso, projecto e fazer artístico mas a projectos de validade temporal definida, que mantêm na incerteza e insegurança os trabalhadores da cultura e suas famílias.

A Cultura, como componente essencial à democracia, é um direito constitucional que o Estado deve garantir.

Mas aquilo a que assistimos, mais uma vez, de forma manipulatória e com muita propaganda, é o Governo do PS, por opção política, a perpetuar a comercialização, a precariedade e a pobreza com o desprezível orçamento de 0,43% para a cultura.

**Pelo direito de todos à cultura,  
pelo trabalho com direitos,  
por 1% para a Cultura**

ARTES DO ESPECTÁCULO

**Não és tu,  
somos  
milhares.**

**Não é acaso,  
é opção  
política.**

Três histórias de  
vida e trabalho  
nas artes do espectáculo  
que podiam ser a tua

**João** 22 anos; jovem actor; já trabalhou em teatro e televisão; tem o sonho de um dia trabalhar em cinema; frequentou um curso de formação profissional

Desempregado, juntou-se a alguns amigos nas mesmas circunstâncias, actores, técnicos de luzes e som, aderecistas, figurinistas... a montar um espectáculo de teatro. Escolheu o texto, procurou, sem êxito, apoios financeiros e logísticos, “coleccionou” espaços de ensaios que só momentânea e descontinuamente podia utilizar, espaços essenciais à criação artística, porque é preciso trabalhar muito, fazer leituras de mesa, procurar no espaço o lugar, o movimento, o modo de dizer e de fazer de todos e de cada um, enfim, encenar e ensaiar, e isso leva o seu tempo, e as salas de ensaio disponíveis são caras e as baratas estão disponíveis durante pouco tempo. Felizmente era Verão e as crianças não tinham aulas e um director de uma escola, seu conhecido, cedeu gratuitamente uma sala de aula para se tentar, o melhor possível, “desenrascar a situação”, ou seja, montar o espectáculo. Ficava longe para toda a gente e não havia dinheiro para os transportes, arranjaram-se boleias, dividiu-se os custos com o dinheiro dos pais, compraram-se materiais para cenários e adereços e pediram-se outros emprestados; por fim, conseguiram fazer alguns espectáculos, cada um sempre a “pôr mais dinheiro” dos pais, obviamente, que do seu não tinham, nos transportes, alimentação, estadias, panfletos para publicitar, cartazes, folhas de sala... e realmente o espectáculo foi um sucesso de público, meia dúzia de apresentações, esgotadas ou praticamente esgotadas e só não se fizeram mais porque não havia onde ... combinaram receber “à bilheteira” e no final dividiram por todos a percentagem que lhes cabia dos bilhetes vendidos... final da história: cada um recebeu o equivalente a menos de metade das despesas, o que significa que não só não ganharam “para o prejuízo”, quanto mais pelos seis meses de trabalho. Sem surpresas, porém, para nenhum dos intervenientes... “vida de artistas” é mesmo assim, dizem-nos...

A seguir, João sentiu um vazio enorme, seguido de um enorme desalento... foi para casa dos pais, onde ainda vive, até vir a mãe bater-lhe à porta do quarto, dizendo-lhe que era preciso ganhar dinheiro “a sério”... João falou com uma amiga e arranjou um emprego... numa pastelaria “self-service”, em “part-time”, “sem contrato” e a ganhar “metade do salário mínimo”, trabalhando, por vezes, mais de nove horas por dia... bastava que faltasse quem o viria substituir e lá tinha que cancelar o ensaio do novo espectáculo, que entretanto, e nos intervalos do trabalho na pastelaria, estava a tentar montar com os amigos... finalmente o João exausto e sem dinheiro, desistiu. Ainda hoje não sabe como vai ser.

**Luís** fez a escola de cinema, quase 50 anos, casado, dois filhos, começou a trabalhar em cinema depois de acabar um curso profissional nessa área

O primeiro trabalho que “conseguiu” foi conduzir carrinhas e transportar material de filmagem, depois lá conseguiu passar a ser assistente e hoje é director de fotografia... quando tem trabalho, ou seja, quando “é chamado” para fazer um filme, ou uma publicidade, ou para a televisão; chega a trabalhar 16 horas por dia, aparentemente ganha mais que a maioria dos trabalhadores mas só folga um dia por semana e trabalha a “recibos verdes”, pelo que, quando não está a trabalhar, não tem direito a subsídio de desemprego e tem que fazer o dinheiro “esticar” até que voltem a “chamá-lo”. Nunca consegue programar férias, além de dinheiro para férias não existir. O salário vai sempre para “o que é preciso”: transportes, roupas, alimentação, escolas, roupas, renda, água, luz, gás... regularmente, ainda, médicos e medicamentos, desde que escorregou num cabo e caiu no “plateau”, magoando-se nas costas, mas como o “seguro” pagava uma ninharia, tomou uns comprimidos anti-inflamatórios e voltou ao trabalho. “Ala que se faz tarde”, pode ser que não seja nada...

**Joana** quarenta e muitos anos. Tem formação numa escola artística mas é professora.

“Não é que ganhe muito mas ao menos agora tenho um salário certo ao final do mês, férias, subsídio de alimentação, direito a subsídio de desemprego, doença, parentalidade e um dia, quem sabe, a reforma!” diz ela, “Não era o que eu queria, ser professora, mas cansei-me de concorrer com projectos e não receber subsídios ou receber subsídios tão “curtos” que tinha que me “empenhar”, pedir empréstimos, pedir dinheiro aos meus pais, trabalhar nos projectos dos outros para conseguir terminar os meus, até cheguei a criar a minha própria empresa para fazer os meus projectos e de outros como eu, mas tinha que ter uma secretária, um contabilista... olha, já estava eu própria a contratar “estagiários”, pessoas novas, a quem pagava mal, pois tinha pouco dinheiro, pondo outros ainda pior do que eu... e um dia pensei. “Isto não é para mim.” Não é o que eu queria que tivesse acontecido mas... desisti”.

A estas biografias corresponde a realidade da maioria das pessoas que trabalha nas artes do espectáculo. Gente que luta diariamente para encontrar na cultura o seu modo de vida, o seu “ganha pão” e que, de artistas, passaram a chamar-se “intermitentes do espectáculo” e até simplesmente “precários do espectáculo”, uma vez que a precariedade, afinal e infelizmente, “faz parte integrante” da sua profissão.

Situação que o *Estatuto dos Profissionais da Área da Cultura*, que recentemente entrou em vigor, só vem acentuar: não protege nem defende os trabalhadores da cultura pois, ao invés de estabelecer verdadeiras garantias sociais para estes profissionais, não é claro nem eficaz, redundando em pretensas garantias sociais, multiplicando-se em “novos” formalismos contratuais (com actividade descontínua, por tempo indeterminado, a termo, de muito curta duração, com pluralidade de empregadores...) que só vêm acentuar a precariedade do emprego a que estes profissionais estão sujeitos, tomando como ponto de partida a precariedade para justificar a precariedade do sistema agora pretensamente instituído, o que certamente acabará por vir a justificar que, no futuro, estes trabalhadores (que cumprem horários e desempenham tarefas específicas sob a orientação de terceiros) continuem a trabalhar e a receber salários como se de meros prestadores de serviços se tratassem, ou seja, continuem a ser vítimas dos “falsos” recibos verdes, em vez de lhes proporcionar um contrato ou contratos de trabalho em condições justas, salário

mensal digno, segurança e assistência social adequadas.

Para estes trabalhadores é, pois, ténue a fronteira entre precariedade laboral e desemprego, acentuando ainda mais o elevado peso que o falso trabalho independente tem no nosso país, ou a “transmutação” destes trabalhadores em “empresários em nome individual”, olvidando-se toda e qualquer protecção social estável e duradoura, realidade profundamente penalizadora da construção de uma vida melhor e da perspectivação do futuro com alguma estabilidade.

Com efeito a importância da estabilidade do emprego, do horário de trabalho e de um salário digno reflecte-se a diversos níveis: na possibilidade de socialização, na construção da nossa identidade, na legitimação do lazer, no nosso equilíbrio psíquico, na criação de uma rotina estruturante e, mais importante ainda, na independência económica que permita não só assegurar a vida quotidiana como também planear o futuro. Ora, os trabalhadores das artes do espectáculo, pelo contrário, vivem na incerteza e na insegurança, na instabilidade do salário e do emprego, na procura constante de estratégias que lhes permitam fazer face às despesas da vida corrente, o que dificulta a possibilidade de se organizarem colectiva e socialmente, pois vivem esgotados, num constante stress, num sentimento permanente de insegurança e angústia sobre o dia de amanhã, alternando entre períodos de emprego e desemprego, o que é destruturante das suas vidas e família e comporta pesadas repercussões sociais.

**Audição Pública — Apoios às Artes, resultados e modelo com a presença do Secretário-Geral do PCP, Paulo Raimundo. Segunda-feira, 9 de Janeiro, 15 horas, na Assembleia da República**

Pretendemos, com esta iniciativa, que ocorra uma partilha sobre os problemas sentidos pelas estruturas artísticas e trabalhadores da cultura, tal como uma reflexão sobre o modelo de apoios às artes que efective o Serviço Público de Cultura.

## **JUNTA-TE A NÓS! LUTA E RESISTE COM O PCP**

Pretendes aderir ou colaborar com o PCP? Envia-nos os teus dados por email para [s.intelectual@dorl.pcp.pt](mailto:s.intelectual@dorl.pcp.pt) com o assunto “QUERO ADERIR/COLABORAR” ou por correio para o CENTRO DE TRABALHO VITÓRIA – AVENIDA DA LIBERDADE, 170, 1250-096 LISBOA para podermos entrar em contacto contigo.

**NOME**

---

**PROFISSÃO**

---

**MORADA**

---

**CÓDIGO POSTAL**

---

**TELEFONE**

---

**EMAIL**

---